

Epistemologia e o uso inapropriado do termo

Epistemology and the inappropriate use of the term

Brasil Fernandes de Barros¹

Resumo

A epistemologia é uma das mais importantes ferramentas no estudo científico das religiões se não for o mais importante. Por essa razão esse termo tem exercido um certo fascínio nas mentes dos pesquisadores, que além de sua vasta aplicação tem sido utilizado de forma indiscriminada diante de um certo “modismo” nos textos acadêmicos em geral para tentar dar legitimidade aos textos apresentados. Desta forma o tema de nosso trabalho é a tentativa de efetuar um recorte claro acerca do significado da epistemologia, não só na Ciência da Religião como também para outras áreas das ciências sociais/humanas, indicando o que não deve estar presente em seus já abundantes enfoques, apontando caminhos para a correta aplicação deste termo *filosoficamente falando* sem que seu sentido seja banalizado pelo uso indiscriminado. Além disso pretendemos apresentar através de uma pesquisa bibliográfica, as definições do conceito geral de epistemologia e suas variações dentro da teoria do conhecimento, identificar exemplos de desvios na utilização deste termo não só no campo da Ciência da Religião e ainda apresentar boas práticas de utilização do termo.

Palavras Chave: Epistemologia; Teoria do conhecimento; Filosofia da ciência.

Abstract

Epistemology is one of the most important tools in the scientific study of religions, perhaps the most important. As a result, this term has captivated researchers, and beyond its wide use, academics have indiscriminately employed it, driven by a recent fad, to grant legitimacy to their written works. Thus, the theme of our work is an attempt to make a clear cut about the meaning of epistemology, not only in the Religious Studies but also for other areas of the social/human sciences, showing what should not be present in their already abundant approaches, pointing out ways for the correct application of this term *philosophically speaking* without its meaning being

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pós-Doutorado em andamento na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Brasil. Prof. Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. E-mail: brasil@netinfor.com.br.

trivialized by indiscriminate use. In addition, through a bibliographical survey, we intend to present definitions of the general concept of epistemology and its variations within the theory of knowledge, identify examples of deviations in using this term not only in the Religious Studies field and also present good practices in using the term.

Keywords: Epistemology; Theory of knowledge; Philosophy of Science.

Introdução

O debate acerca do chamado *Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião* não é recente. Eduardo Cruz, no importante *Compêndio de Ciência da Religião* (CRUZ, 2013, p. 37) nos brinda com um relevante artigo a este respeito. Mas, quanto mais nos aprofundamos nos estudos da Ciência da Religião, mais complexo e obscuro têm se mostrado os artigos e capítulos de livros sobre sua epistemologia. Como diz Hilton Japiassu (1977, p. 23), “[...] da epistemologia sabemos muito sobre aquilo que ela não é, e pouco sobre aquilo que é ou se torna, uma vez que trata de uma disciplina recente cuja a construção é por isso mesmo lenta”. A epistemologia como disciplina, seja na Ciência da Religião ou em outras áreas do conhecimento como nas ciências sociais/humanas é normalmente apresentada como o *estudo do conhecimento* ou *estudo das ciências*, e é neste ponto que a maioria dos pesquisadores ficam. Quanto às definições de conhecimento, quando muito, vemos descrições do ponto de vista da Filosofia em que a etimologia da palavra aponta para o termo latim *cognoscere*, que significa *ato de conhecer*, e que por sua vez advém do mesmo radical *gno* presente no latim e no grego antigo da palavra *gnose*, que também significa conhecimento. A gnosiologia é oriunda do mesmo radical grego, *gnosein* com significação mais ampla como, *logos*, *discurso*, *inteligibilidade*, *ciência*, *estudo*, ou seja, é o *estudo do conhecimento*. Por este conceito, estão fundamentados o estudo da origem do conhecimento, bem como de suas fontes, sua validade, seu método, sua abrangência e formação. Da mesma forma, o termo epistemologia advém de *episteme* que é diferente de opinião (*doxa*) que significa *saber comprovado*. Pensamos que isso está longe

de ser o suficiente para o cientista da religião. Já que o termo epistemologia e a palavra conhecimento guardam vasta gama de interpretações e complexidades, sendo utilizado com diversas variações em seu significado do ponto de vista filosófico segundo Moser e Lopes,

[...] essa terminologia seguiu dois rumos diferentes se considerarmos seus significados nas línguas inglesa e francesa. Assim, em inglês, *epistemology* se refere, sobretudo, à teoria do conhecimento; no francês, *épistémologie* é a filosofia da ciência, e *théorie de la connaissance* (teoria do conhecimento) corresponde à expressão inglesa *philosophy of sciences* (filosofia das ciências) (Moser; Lopes, 2016, p. 18).

O já citado Japiassu, adota a seguinte definição:

Por *epistemologia*, no sentido bem amplo do termo, podemos considerar o estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais: Haveria, assim, três tipos de epistemologia:

– *Epistemologia Global* (geral) quando se trata do saber globalmente considerado, com a virtualidade e os problemas do conjunto de sua organização, que sejam “especulativos”, quer “científicos”.

– *Epistemologia particular*, quando se trata de levar em consideração um campo particular do saber, quer seja “especulativo”, que “científico”.

– *Epistemologia específica*, quando se trata de levar em conta uma disciplina intelectualmente constituída em unidade bem definida do saber, e estuda-la de modo próximo, detalhado e técnico, mostrando sua organização, seu funcionamento e as possíveis relações que ela mantém com as demais disciplinas. (Japiassu, 1977, p. 16-17, grifo do autor).

Em geral, a teoria do conhecimento é reservada para as questões filosóficas do conhecimento que acabamos de assinalar. Porém, sabemos que o termo epistemologia, presente nas mais variadas disciplinas tem sido utilizado de forma indiscriminada diante do que estamos classificando como um certo *modismo* nos textos acadêmicos, assim como o que é dito do científico em geral, para tentar dar legitimidade aos textos apresentados. A esse respeito Eduardo Cruz, faz a seguinte afirmação:

A palavra epistemologia exerce um certo fascínio em nossas mentes, assim como os termos “quântico” “complexo” e

outros pertencentes aos modismos na academia. Parece que, pelo simples fato de os utilizar, subimos um degrau na sofisticação de nosso discurso. Discursos sofisticados, no entanto, podem ser como o mágico de Oz, que se esconde por detrás da cortina e de fato é pouco mais que um homenzinho. [...] Para se ter uma ideia melhor do que ela trata, vamos recorrer a uma fonte abalizada, a *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. De acordo com Matthias Steup (2017) a epistemologia, definida de modo estrito, nada mais é que o estudo do conhecimento e da crença justificada. No primeiro caso, ela se preocupa com questões tais como: Quais são as condições necessárias e suficientes do conhecimento? Quais são suas fontes? Qual é sua estrutura, e quais são seus limites? Para o segundo caso, a epistemologia tem diante de si questões como: Como devemos entender o conceito de justificação? O que faz as crenças serem de fato justificadas? Será tal justificação interna ou externa à mente humana? (Cruz, 2020, p. 48).

Desta forma o tema de nosso ensaio é uma tentativa de efetuar um recorte acerca do significado da epistemologia, indicando o que não deve estar presente em suas já abundantes definições e apontando caminhos para a correta aplicação deste termo. Desta forma, pretendemos discorrer sobre como os conceitos de epistemologia podem ser usados de forma apropriada e como teoria do conhecimento, apesar de sua grande abrangência, tem o seu sentido sendo trivializado pelo uso indiscriminado. Aqui nos sentimos tentados em afirmar que a epistemologia tem uma vasta polissemia, porém, entendemos que a epistemologia é precisa, e na verdade, diversas são suas aplicações e enfoques.

A epistemologia, como já foi bem difundido, é parte importante de todas as ciências, sejam das ciências sociais/humanas ou das ciências naturais. A correta compreensão de sua aplicação é de fundamental importância para a academia e não só para a Ciência da Religião, mas também para pesquisadores de maneira geral. Assim, entendemos que aprofundar o seu entendimento de maneira geral a partir da filosofia e evitar a sua aplicação equivocada, pode favorecer tanto os acadêmicos de modo geral, bem como nossa própria evolução no campo do estudo das ciências. Assim, acreditamos que nosso trabalho poderá oferecer

subsídios à pesquisadores, docentes e discentes acerca da correta compreensão da epistemologia e sua aplicação.

Para atingir nosso objetivo entendemos que seja necessário analisar a sua correta aplicação nas diversas áreas do estudo do conhecimento e não só na Ciência da Religião. E para que isso aconteça, neste ensaio pretendemos: a) Definir o conceito geral de epistemologia e suas variações dentro da teoria do conhecimento; b) Identificar exemplos de má utilização do termo epistemologia para caracterizar os seus desvios; c) e por fim apresentar boas práticas de utilização do termo epistemologia.

Nossa investigação será descritivo-analítica e não apenas descreverá o que e como pensam os estudiosos sobre a epistemologia, mas também efetuará uma análise crítica do que eles pensam e discutem pelo menos de forma preliminar. Nosso objetivo nesta fase não será de testar ou avaliar alguma teoria, mas sim de fazer um exercício de descrição e explicação, a partir de uma revisão da literatura relevante. Os exemplos que nos utilizamos não são somente da Ciência da Religião, pois, estamos fazendo uma abordagem de um ponto de vista da filosofia.

1 Conceito geral de epistemologia e suas variações dentro da teoria do conhecimento

Em nossa trajetória acadêmica, temos nos confrontado muitas vezes com o uso equivocado do conceito de epistemologia que tem sido objeto de diversas dificuldades de entendimento. Além da definição que já trouxemos de Japiassu nos parágrafos anteriores pretendemos aqui explorar também algumas outras definições². Isso é importante, porque apesar de estarmos trabalhando a Ciência da Religião como o foco principal, a teoria geral da epistemologia, se aplica

²Hilton Japiassu tem sido referenciado com uma certa frequência na Ciência da Religião, e como nosso artigo, tem o objetivo de ampliar o entendimento da epistemologia, buscamos outros autores que bebem em fontes de tradições diferentes daquelas usadas por Japiassú com o objetivo de ampliar os pontos de vista usados nas definições. Como por exemplo o quadro 1 à frente, com definições de autores de diversas áreas de conhecimento.

também em outras áreas das ciências sociais/humanas, e por isso no decorrer de nosso trabalho não estamos restringindo os conceitos e exemplos que daremos à frente tão somente a epistemólogos desta área. Segundo Streck (2024) a dificuldade com relação à sua correta utilização do termo tem sido denunciada há décadas por Gaston Bachelard que afirma que:

“Epistemologia” pode ser traduzida como o estudo dos requisitos e condições necessários à produção do conhecimento. O fundamento do fundamento, [...] A epistemologia busca compreender a natureza e os fundamentos do conhecimento, oferecendo uma base teórica para a análise crítica das nossas crenças e da validade do conhecimento que possuímos. Trata-se da teoria filosófica do conhecimento. Por ela, examinamos as condições de possibilidade pelas quais algo que é dito sobre determinado fenômeno é ou não é. Mais simplesmente, pode-se dizer que é a filosofia da ciência. É o conhecimento pelo qual se pode dizer que aquilo que é apontado como ciência está adequado ou não (Streck, 2024).

Fazer epistemologia não qualifica qualquer análise acerca de um determinado objeto. O olhar epistemológico consiste em examinar se o que está sendo analisado possui ou não amparo ou fundamento científico. Ainda segundo Streck, por exemplo, se “[...] um lidador do direito faz uma análise de um dispositivo legal, [ele] não está fazendo, *stricto sensu*, epistemologia. Porém, o exame acerca do que ele examinou (e dos procedimentos que adotou para tanto) é que constituirá efetivamente uma análise epistemológica” (Streck, 2024).

Assim, epistemologia é a disciplina à qual compete articular o que distingue investigação genuína da pseudoinvestigação o que torna a pesquisa mais ou menos bem conduzida e a evidência mais forte ou mais fraca etc. Por exemplo, quando alguém sustenta o conceito de verdade real, com certeza longe está de qualquer epistemologia. Isso porque é impossível demonstrar a plausibilidade filosófica do conceito de verdade real (Streck 2024).

Mas, se epistemologia em termos gerais é traduzida por *teoria do conhecimento* ou *filosofia da ciência*, assim, entendemos que é necessário discorrer sobre o que é conhecimento e o que trata esta filosofia da ciência.

1.1 Teoria do Conhecimento, a Filosofia da Ciência e a Epistemologia

Quando alguém quer dar credibilidade a um pensamento qualquer é comum que evoque a autoridade da ciência para justificar seu pensamento. Há uma certa veneração neste sentido. Um determinado conjunto de informações agrupadas, para algumas pessoas, deixa de ser apenas opinião (*doxa*) e passa à condição de conhecimento fundamentado (*episteme*) se simplesmente receber o rótulo ou a qualificação de conteúdo científico, mas na verdade, acaba por se tornar em alguns casos pseudociência, se não tiver a fundamentação correta. Mas a pergunta é, o que é científico? O que é conhecimento abalizado? Por muito tempo, o senso comum era o suficiente para atestar que algo fosse conhecimento válido, bastava uma observação empírica para que se atestasse a sua cientificidade. Por exemplo, não havia dúvida antes de Nicolau Copérnico (1473-1543) que o sol e a lua giravam em torno da terra e negar isso era objeto de escárnio.

Essa veneração ao que é científico se dá em geral pelo rápido e extraordinário sucesso que principalmente a física, a química e a biologia alcançaram atualmente (Chibeni, s.d., p.1) cujos avanços são inegáveis. Mas o que é científico, o que dá credibilidade a uma teoria e não dá a outra? De maneira geral é o método científico que tem dado às teorias credibilidade. Segundo Sílvio Seno Chibeni,

A questão do “método científico” tem constituído uma das principais preocupações dos filósofos, desde que a ciência ingressou em uma nova era (ou nasceu, como preferem alguns), no século XVII. Formou-se em torno dela e de outras questões correlacionadas um ramo especial da filosofia, a filosofia da ciência. Investigações pioneiras sobre o “método científico” foram conduzidas por Francis Bacon (1561-1626). Secundadas no século XVII por declarações de eminentes cientistas, como Galileo, Newton, Boyle, e, no século seguinte, pelos Enciclopedistas, suas teses passaram a gozar de ampla aceitação até nossos dias, não tanto entre os filósofos, mas principalmente entre os cientistas, que até hoje muitas vezes afirmam seguir o método baconiano em suas pesquisas. Isso é singular, visto que os estudos recentes em história da ciência vêm revelando que os métodos efetivamente empregados

pelos grandes construtores tanto da ciência clássica quanto da moderna têm pouca conexão com as prescrições do filósofo inglês (Chibeni, s.d., p. 1).

Não é nosso objetivo aqui descortinar os meandros do método científico, mas depois de Bacon, tivemos ainda Lakatos e Popper que desenvolveram outros métodos. Mas em termos filosóficos não podemos falar aqui de conhecimento sem que visitemos brevemente Immanuel Kant com sua doutrina racionalista, quando este define os conceitos de conhecimento *a priori* e *a posteriori* em sua *Crítica da Razão Pura* (Kant, 2017).

Para Kant era necessário que se fizesse a distinção entre o que é conhecimento puro e empírico, assim ele não descarta a necessidade da descoberta do conhecimento pela experiência que excitam os nossos sentidos, afirmando que nenhum conhecimento precede a experiência, mas que todos começam por ela. Apesar disso, quando falamos de conhecimento é fundamental que entendamos que existe um conhecimento que prescinde da experiência que seja independente das impressões dos sentidos. É este conhecimento que Kant chama de conhecimento *a priori*, o filósofo, ainda discorre sobre o conhecimento *a posteriori*, e acerca de suas relações de juízo sintético e analítico (Kant, 2017). Com Kant a questão do conhecimento toma rumos significativos, e percebe-se que este, conforme a abordagem, ou o método, pode tomar os mais diferentes rumos e não se perder em seus meandros, e para tanto, precisamos de uma disciplina para lidar com estes diversos rumos do conhecimento, a epistemologia. Para Fabiano Campos, Cientista da Religião, ela é

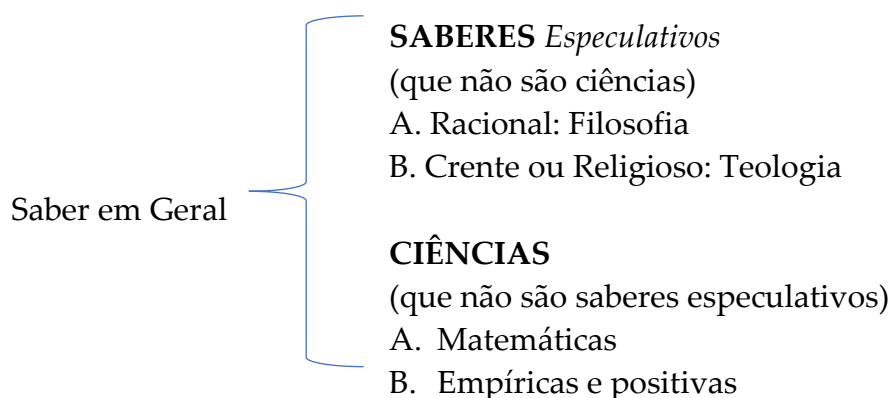
[...] uma disciplina cujo objetivo é o de elucidar a natureza e os modos do procedimento cognitivo e de trazer à tona os princípios que dão razão (isto é, que fundamentam) as práticas cognitivas efetivas, consideradas em toda a variedade de suas formas. Num sentido mais restrito, a epistemologia pode ser identificada à reflexão sobre uma prática cognitiva particular, a prática dita científica, instaurada desde os primórdios do estabelecimento do logos ou da razão demonstrativa como o centro simbólico da cultura grega. Cumpre, pois, à reflexão epistemológica a determinação daquilo que promove a cientificidade de um discurso e, correlativamente, a tarefa de saber se há um modelo único ou, ao contrário, se há modos

múltiplos da cientificidade, isto é, se há formas variadas do discurso demonstrativo, que fundamenta ou fornece as razões (motivos, causas) de algo (Campos, 2018, p. 42).

É extremamente numerosa a aplicação que vemos em torno deste termo. Em uma pesquisa breve na base de artigos de periódicos da CAPES em 17 de maio de 2024, sem maior rigor metodológico, somente em termos quantitativos, encontramos 12.381 citações revisadas por pares, pelo termo epistemologia e 1.252 artigos, também revisados por pares, por *conceito de epistemologia*. Esta pesquisa alcançou este número somente em português sem que a que tenhamos feito no termo em inglês *epistemology*. Este grande número de abordagens, certamente aponta para uma enorme polissemia em torno de sua utilização, com presença nas mais diversas áreas do conhecimento da área de humanas às ciências naturais. O que entendo ser, a propósito natural, já que como afirma Susan Haack (2014. p. 334) que “um investigador sério procurará toda evidência que puder, e fará seu melhor para avaliar se ela garante esta conclusão ou aquela, ou se ela é insuficiente para garantir qualquer conclusão que seja”.

Ainda sobre o conhecimento, Japiassu nos traz o seguinte diagrama:

Diagrama 1 – Quadro de Definições de tipos de Conhecimento



Fonte: (Japiassu, 1977, p 16)

Este autor entende que o *saber* designa uma série de disciplinas que são mais ou menos estabelecidas, mas que não podem ser designadas como ciência no sentido atual do termo, mas não deixam de ser conhecimento podendo ser

racionais ou *crentes* (Japiassu, 1977, p. 16). O que acreditamos e pretendemos apresentar neste artigo é que há uma confusão sobre conhecimentos e saberes com a epistemologia.

Vejam assim as definições de epistemologia, por autores diversos em diversas áreas do conhecimento:

Quadro 1 – Definições de epistemologia

Autor	Definição
Piaget (1967)	O estudo da constituição dos conhecimentos válidos, em que o termo 'constituição' abrange tanto as condições de acesso como as condições propriamente constitutivas.
Dagobert Runes (1968)	Epistemologia é o ramo da filosofia que investiga a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento.
Bachelard (1971)	A filosofia que a ciência merece. A ciência cria, ela própria, a sua filosofia, uma filosofia que se aplica e que por isso não é especulativa.
André Lalande (1972)	O estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados de diversas ciências.
Sedas Nunes (1973)	Reflexão de segundo grau sobre a ciência, uma metaciência que, embora sujeita à contaminação filosófica, se integra cada vez mais na ciência pela obediência aos critérios da objetividade científica.
Armando de Castro (1975)	É uma metaciência, a ciência que estuda os conhecimentos científicos, formulando as leis da produção e transformação dos conceitos de cada disciplina.
Ferreira de Almeida e Madureira Pinto (1976)	A epistemologia tem por objeto as condições e os critérios de cientificidade dos discursos científicos. Uma disciplina que não funda do exterior o saber científico e que, por isso, é parcialmente parasitária, uma vez que a sua intervenção se verifica sempre após se ter alimentado dos quadros conceituais, disciplinares.
Rorty (1980)	É a filosofia das representações privilegiadas, a teoria do conhecimento saturada pelo desejo de encontrar os fundamentos a que nos possamos agarrar, quadros de

	referência para além dos quais não podemos ir, objetos que se impõem por si, representações que não podem ser negadas.
Teixeira Fernandes (1985)	Depois de negar a possibilidade de uma 'ciência da ciência' e de considerar inútil a pretensão de querer definir em termos absolutos e definitivos o que é a cientificidade atribuí à epistemologia a tarefa de tornar consciente a 'normatividade científica, produzida na própria prática da ciência'.

Fonte: Santos (2000a, p. 19-20)

Mas nossa pergunta é, será que toda essa diversidade está corretamente aplicada? Vejamos então alguns exemplos de como isso foi aplicado e avaliemos sua correção.

2 Desvios mais comuns do uso do termo epistemologia

Como já dissemos anteriormente há um certo *modismo* no uso do termo epistemologia. Dizer que um determinado conteúdo é epistemologicamente abalizado, parece lhe dar maior credibilidade. Mas será que todos os conteúdos que trazem esse termo em seu bojo estão corretamente aplicados? Para este ensaio, pretendemos abordar aquilo que classificamos como três *desvios* de seu uso e apresentar alguns exemplos, embora não possamos afirmar que estes sejam os únicos. Mas acreditamos que isso será um bom começo. Muitos dos desvios que encontramos no uso desta terminologia se concentram no desconhecimento do que efetivamente é epistemologia.

Pensamos que os *desvios* mais comuns na aplicação desse termo a nosso ver são: a) Fazer epistemologia não é fazer uma análise técnica de um conteúdo; b) Fazer epistemologia não é aplicar uma metodologia para analisar um determinado conhecimento; c) Epistemologia não é sinônimo de conhecimento/saberes em si e/ou um conjunto de conhecimentos/saberes. Passemos pois à uma breve análise e exemplificação destes *desvios*.

2.1 Epistemologia versus análise técnica

Como citamos anteriormente Streck (2024) afirma que a análise técnica de um dispositivo legal por exemplo não é epistemologia, mas sim a aplicação de procedimentos adotados, oriundos de conhecimento prévio adquirido, ou seja, a aplicação do conhecimento racional e justificado. Mas isso não constituiu epistemologia, isto é análise de dados e Streck diz ainda que não é qualquer meta-análise que poderá ser ferramenta da *epistemologia*.

Mas o que é uma meta análise? Segundo Sousa e Ribeiro,

[...] o termo meta-análise foi utilizado pela primeira vez por Glass, em 1976, para indicar a análise estatística dos resultados das análises de muitos estudos individuais, com o propósito de integrar os achados. Às vezes, o termo meta-análise é utilizado como sinônimo de revisão sistemática, quando a revisão inclui meta-análise. Embora ocasionalmente usadas como sinônimos, metanálise e meta-análise têm definições diferentes. Metanálise é um recurso da lingüística, que significa a segmentação não-etimológica de um vocábulo, locução ou enunciado, que foram interpretados pelos falantes de forma diversa daquela determinada por sua origem (Sousa; Ribeiro, 2009, p. 241).

Ou seja, meta-análise se trata de levantamento, compilação e análise de dados, é, pois, caminho, ferramenta para aquisição de conhecimento, mas não significa que o dado coletado por si só resolva a questão do conhecimento, pois são somente dados. De forma simplista quando alguém observa que o sol e a lua nascem todos os dias e os vêem navegar pelo céu até seu ocaso, pode concluir que ambos giram em torno da terra. Mesmo quando uma coleta de dados seja mais completa e complexa não deixa de ser coleta de dados. Copérnico, por exemplo, fez análises bem mais complexas do que simplesmente observar a trajetória do sol e dos astros no céu, porém, estas não ofereceram recursos suficientes, sobre a movimentação dos astros, para provar a sua teoria heliocêntrica. Grosso modo, todas as informações coletadas por Copérnico foram defendidas mais tarde, por Giordano Bruno e Galileu Galilei que usaram outros métodos analíticos para se chegar ao conhecimento acerca do heliocentrismo. Ver o sol e a lua surgir e desaparecer no horizonte todos os dias não é suficiente para desenvolver o conhecimento a respeito da realidade de suas órbitas, já que numa primeira

observação ambos parecem girar ao redor da terra, o que sabemos não corresponder à verdade. Mas onde está o problema aqui? Se vivêssemos nos tempos de Copérnico, também, provavelmente duvidaríamos das afirmações dele, assim como hoje em dia há quem acredite que pessoas são abduzidas por extraterrestres ou que a terra é plana. A questão é, que uma análise técnica por si só não será epistemologia, por que não é intrínseca a ela algo fundamental, a presença do *ceticismo filosófico*. Para Greco e Sosa (2012, p. 67) ceticismo filosófico,

[...] é o oposto do dogmatismo. Se compreendermos o “dogmatismo” na maneira corrente, como algo que indica uma aderência cega a um conjunto fixo de crenças, algum grau de ceticismo, então, será um componente essencial de qualquer perspectiva racional. Uma forma parecida de ceticismo — e comparavelmente benigna — é indicada pelo contraste comum entre ceticismo e credulidade. Ser um cético, neste sentido de “cético”, é ter uma atitude resoluta em relação a padrões de evidência e, como resultado, encontrar-se em dúvida sobre várias sustentações comumente aceitas. A pessoa de mente cética dificilmente aceita, com base em relatos de tablóides, que a cada ano centenas de pessoas são abduzidas por visitantes do espaço sideral. Se isso fosse tudo o que significa ser “cético”, seria bom que algumas pessoas fossem mais céticas do que são. Entretanto, dois aspectos do ceticismo filosófico o tornam muito diferente de tais perspectivas “coisas” cotidianas. (Greco e Sosa, 2012, p. 67)

Ou seja, o ceticismo filosófico em tese é que vai desconfiar da opinião de que tanto o sol como a lua girem ao redor da terra, apesar de uma aparente empiria da informação. Serão necessárias mais do que observações técnicas para estas conclusões. Em outras palavras uma análise técnica, até pode ser ferramenta para o desenvolvimento do conhecimento, mas ela precisará mais do que isso para alcançá-lo, é necessário que se desenvolva metodologia de análise dos dados. Mas mesmo assim, coletar dados e os analisar, não foi o suficiente para que Copérnico provasse o heliocentrismo, desta forma, análise técnica é um dos caminhos da epistemologia, mas não é *strictu-sensu* epistemologia.

2.2 Epistemologia versus metodologia

A metodologia é uma disciplina vinculada à epistemologia. Ela é uma ferramenta que pode ser usada para o alcance do tão auspicioso selo de *epistemológico*. Convém, porém, entender que para quem faz um estudo metodológico, o conhecimento não é posto em causa, mas é antes considerado como algo já considerado como sendo válido pela comunidade científica. Assim sendo, a metodologia coloca foco na busca de estratégias para ampliar o conhecimento, ou seja, o conjunto de procedimentos metódicos de uma ciência (Abbagnano, 2000, p. 668).

O método por sua vez é o conjunto de regras racionalmente ordenado, que visa obter determinado resultado (Comte-Sponville, 2020, p. 388), e esse conjunto de regras poderá variar enormemente, pois, dependerá inclusive da área de conhecimento em questão e qual tipo de saber se pretende alcançar e que pode inclusive não receber o rótulo de científico. Segundo Sílvio Seno Chibeni (2006, p. 2), para Aristóteles existem três tipos de saber: A) o conhecimento por experiência sensorial direta, que se restringe aos objetos e eventos; B) o conhecimento técnico, que compreende as ideias gerais sobre o comportamento dos entes, mas que tem seu foco apenas na questão de como são as coisas; C) o conhecimento teórico, que procura responder à questão das causas e princípios dos fenômenos. Este último, seria do domínio da ciência propriamente dita, e é o que mais nos interessa.

O cientista da religião Steven Engler (2013, p. 63) nos diz que a Ciência da Religião tem usado os métodos e a metodologia menos do que devia em seus estudos, em virtude da utilização de uma variedade indiscriminada de métodos que segundo alguns seria *plurimetodológica*, o que causa mais confusão do que precisão. Para este autor, para que se possa alcançar o *saber*, que na Ciência da Religião conforme citamos anteriormente no quadro 01 de Japiassu é *especulativo*, e fica, na maioria das vezes, mais próximo ao *Crente ou Religioso* da Teologia do que do *Racional* da Filosofia, pois a correta análise dos dados não é feita para se alcançar o conhecimento, Engler (2013, p. 64) afirma que “Não existem dados sem

métodos e teorias. Os métodos ajudam a analisar a realidade, mas ao mesmo tempo eles, em parte, produzem os dados que devem ser analisados.”

Partindo de nosso exemplo anterior, um indivíduo pode simplesmente deitar-se na grama de um jardim e observar o movimento do sol e da lua todos os dias e chegará ao saber postulado no item A citado por Chibeni acima, o conhecimento por experiência sensorial direta de que o sol e a lua nascem e morrem todos os dias. Se esta pessoa desenvolver um trabalho de observação mais sistemática perceberá que no decorrer do ano o sol nascerá em diferentes posições do horizonte e poderá até chegar à conclusão de variações angulares a respeito destas posições, enquadrando-se no tópico B que envolve alguma tecnicidade e que estas variações são diferentes da lua. Agora, porém, quando um astrônomo usa recursos de medição do movimento dos astros e procura entender o movimento do sol e dos astros e procura as causas e princípios destes fenômenos que se reproduzem diariamente, ele usará de conhecimentos previamente adquiridos combinando-os de acordo com o caso para explicar um fenômeno através de uma metodologia apropriada alcançando o que é proposto na letra C. Esta metodologia variará de acordo com as circunstâncias e os resultados que se pretendam para o desenvolvimento do conhecimento teórico. Neste caso, a metodologia será uma ferramenta para alcançar um modelo teórico de conhecimento, e não será epistemologia propriamente dita por que o resultado da análise de dados, combinado com a metodologia é que trará o conhecimento almejado, ou seja, metodologia não resolve o conhecimento por si só. Problematizemos o uso do termo epistemologia na seguinte citação:

Durkheim é herdeiro da ideologia positiva formulada por Comte, sendo que o referido é muito mais cientista, no sentido pleno da etimologia. Portanto, a sociologia positiva deriva essencialmente do seu pensamento. Sua grande herança em relação a Comte reflete Durkheim não poderia a Sociologia desenvolver como ciência, se antes não tivesse reconhecido por Comte, que as leis da sociedade não são diferentes das leis naturais. Portanto, **o método, ou seja, a epistemologia usada** para compreensão dos fatos fenomenológicos tem a mesma essencialidade da lógica natural (Vasconcelos, 2015, grifos nossos).

Aqui o autor quando diz *o método, ou seja, a epistemologia usada* ele está sendo explícito em afirmar que em sua leitura que epistemologia é sinônimo de método, o que não corresponde à correção do termo. Mas às vezes este uso é ambíguo como nesta outra citação de outro autor:

Uma segunda implicação é que nenhum design pedagógico pode determinar o resultado da aprendizagem independentemente da experiência do aluno e das estruturas de significado existentes. Há uma interação complexa entre as estruturas de significado existentes, as experiências específicas que causam um dilema desorientador, **a epistemologia usada para negociar** novas estruturas de significado e o eventual resultado transformacional (Costa, 2023, grifos nossos).

A afirmação citada a acima *a epistemologia usada para negociar* é ambígua, quanto ao seu significado, pois não se sabe se estamos falando de uma *metodologia usada para negociar* ou se estamos falando de *uma teoria do conhecimento sobre o modo de negociar*. A dúvida que surge aqui, de toda forma, advém do modismo do uso do termo, pois a palavra epistemologia aqui, parece estar presente somente para aumentar o grau de sofisticação do recurso (Cruz, 2020, p. 48) dando mais respeitabilidade ao texto. Como se costuma dizer *menos é mais* se tivesse sido evitado aqui o uso da palavra epistemologia o texto provavelmente teria ficado mais claro, mas tudo indica que não se fala de epistemologia, mas sim de metodologia usada na negociação.

2.3 Epistemologia não é sinônimo de conhecimento

Epistemologia também não é sinônimo de conhecimento em si e/ou um conjunto de conhecimentos descrevendo todo o conteúdo de uma determinada área, pensamento ou disciplina. Aprofundemos um pouco mais sobre o que é conhecimento.

O ser humano, procurou sempre obter conhecimento sobre os entes que o cercam através de motivações externas, como a necessidade de controle dos fenômenos naturais, com vistas à própria sobrevivência. Porém, na Grécia antiga

surgiu uma nova perspectiva que era a busca do conhecimento pelo próprio conhecimento para alimentar a curiosidade intelectual do ser humano, e estes foram chamados de filósofos *os que amam ou buscam a sabedoria*. No decorrer da história, diversos foram os que trataram a questão do conhecimento, mas a partir do século XVII, que começaram a surgir as primeiras suspeitas sistemáticas de que, talvez, essa busca não fosse assim tão simples.

Nessa época, o próprio avanço do saber determinou, entre outras coisas, uma crescente especialização, que se traduziu num desmembramento, relativamente ao tronco comum da filosofia, que englobava quase todas as áreas do saber, de um aglomerado de campos que viria, bem mais tarde, ser chamado de *ciência*, numa acepção mais restrita do termo, e que é a que prevalece hoje em dia. No tronco original permaneceram diversas disciplinas, como a metafísica, a lógica, a epistemologia, a ética e a estética. No domínio da epistemologia, ou seja, do estudo do conhecimento, surgiram figuras importantes que tomaram a si, entre outras, a tarefa de investigar as origens, fundamentos e limites do conhecimento científico (Chibeni, 2006, p. 3).

Assim coube à epistemologia “[...] elucidar a natureza e os modos do procedimento cognitivo e de trazer à tona os princípios que dão razão (isto é, que fundamentam) a práticas cognitivas efetivas, consideradas em toda a variedade de suas formas” (Campos, 2018, p. 42).

Ainda sobre o conhecimento, é importante entender que:

Antes do surgimento de um saber ou de uma disciplina científica, há sempre uma primeira **aquisição ainda não científica de estados mentais já formados de modo mais ou menos natural ou espontâneo**. No nível coletivo, esses estados mentais são constitutivos de uma certa cultura. Eles constituem as “opiniões primeiras” ou *pré-noções*, tendo por função reconciliar o pensamento comum consigo mesmo, propondo certas explicações. demos caracterizar tais pré-noções como um conjunto falsamente sistematizado de juízos, constituindo representações esquemáticas e sumárias, formadas pela prática e para a prática, obtendo sua evidência e sua “autoridade” das funções sociais que desempenham. Como já dizia Aristóteles, “toda disciplina susceptível de se aprender, e todo estudo comportando um processo intelectual, constituem-se a partir de um conhecimento já presente” (Japiassu, 1977, p. 17-18, grifos nossos).

A colocação que fazemos sobre a observação do sol e da lua se encaixa perfeitamente nesta questão. Há primeiro uma “aquisição ainda não científica de estados mentais [...] mais ou menos natural ou espontâneo, [...] opiniões primeiras” (Engler, 2013, p. 64), que sem uma análise sistemática de dados colhidos através do instrumento adequado àquela área específica. Já que, “alguns métodos são mais úteis do que outros (para objetivos específicos dentro de determinados contextos)” (Engler, 2013, p. 64).

Assim, estamos prontos a dizer que as teorias científicas pretendem explicar ou perceber os fenômenos gerando o conhecimento e não são, portanto, o próprio conhecimento. Assim, epistemologia não é o conjunto de conhecimentos adquiridos através de uma determinada análise de dados resultante de uma coleta sistemática de dados, com a aplicação de uma determinada metodologia, a epistemologia é a disciplina que estuda os meios pelos quais isso é feito. Usando o exemplo do movimento do sol e da lua que temos trazido poderíamos escutar alguém dizer que Copérnico, Giordano Bruno e Galileu Galilei desenvolveram a *epistemologia do movimento dos astros no céu* ou a *epistemologia dos movimentos Heliocêntricos*, o que a princípio pareceria bonito, mas que na verdade é uma falácia. Não existem estas epistemologias, mas sim uma teoria do conhecimento específica da astronomia para o desenvolvimento científico no campo do movimento dos astros que se aplicará inclusive, em princípio, a qualquer outro astro. Ou seja, um conjunto de métodos e técnicas de análise de dados astronômicos para o desenvolvimento de conhecimentos, que usará métodos diferentes para coleta dos movimentos dos astros de acordo com cada situação específica, pois, coletar dados sobre o movimento da lua se dá de forma diferente do que a coleta dos dados referente a Vênus (que pode ser visto a olho nu).

Vejam no excerto abaixo o uso do termo epistemologia, que, a nosso ver, corresponde à um desvio que corresponde a esse pensamento:

[...] os estudos nos campos da diversidade da educação escolar com suas relações interculturais podem contribuir para o **resgate**

de valores e atitudes intrínsecos às epistemologias dos olhares amazônicos. Reconhecemos que a **diversidade do conhecimento cultural é de fundamental importância para a identificação dos saberes amazônicos** visando à construção de horizontes plurais nos ambientes amazônicos mediados pelas narrativas imagéticas (Gomes; Pedrosa; Almeida, p, 573, grifos nossos).

Antes de mais nada é importante deixar claro que não estamos aqui avaliando o conteúdo tratado no texto bem como sua validade acadêmica. A proposta de um olhar a partir dos valores das comunidades Amazônicas é importantíssima e fundamental e o entendimento a respeito do pensamento do autor poderia ter sido ainda mais claro, assim como não questionamos o movimento heliocêntrico. Estamos aqui questionando tão somente o uso da palavra epistemologia, que nos aparece apontar para o conjunto dos conhecimentos da comunidade amazônica. Quando o autor fala sobre *resgate de valores e atitudes intrínsecos às epistemologias dos olhares amazônicos* poderia muito bem ter dito *resgate de valores e atitudes intrínsecas ao modo de viver amazônico* ou ainda *resgate de valores e atitudes intrínsecas à cultura amazônica*. Na sequência o autor ainda reforça essa ideia dizendo: “[...] diversidade do conhecimento cultural é de fundamental importância para a identificação dos saberes amazônicos”. Ou seja, as *epistemologias dos olhares amazônicos*, tem o sentido de conjunto de conhecimento desta comunidade. Em outras palavras, ele está falando de um conjunto de conhecimentos e não da teoria de conhecimento por trás da forma como este conhecimento foi desenvolvido, criado ou adquirido. Há neste caso, uma epistemologia diferenciada para a percepção da cultura sob um olhar amazônico. Por exemplo, Raul Fernet-Betancourt (1994) propõe uma epistemologia decolonial intercultural e interdisciplinar, que em termos filosóficos é uma quebra de paradigma, que propõe a não utilização de um modelo monocultural europeu tradicional. Mas o que Betancourt propõe é uma mudança do método utilizado para essa leitura, ou seja, um método que use interculturalidade como base para uma epistemologia intercultural que será apta

a perceber o conjunto de conhecimentos fornecidos pelos olhares amazônicos, e não uma epistemologia dos olhares amazônicos.

3 Boas práticas de utilização do termo epistemologia

Não temos a pretensão de apresentar em nosso trabalho todas as discussões referentes à epistemologia, pois isso seria objeto de toda uma coleção de artigos para abordar o que já foi amplamente abordado por pesquisadores muito mais abalizados do que nós nesta temática. Apesar disso, nos atrevemos a pontuar algumas questões sobre o que entendemos serem boas práticas no uso adequado deste termo. Pensamos que primeiramente, é necessário compreender, como já citamos anteriormente, que há uma grade diversidade de enfoques ao redor deste termo. Mas que é, diríamos, uma variação saudável decorrente das diversas concepções que este termo adotou com o decorrer do tempo inerente à própria natureza do termo. Ou seja, é necessário ter em mente, qual a abordagem que se pretende se dar no uso do termo para que ele não perca o seu sentido. Quando se tem em mente essa correta abordagem dificilmente ela será aplicada de forma equivocada. Como citamos no início de nosso ensaio ela pode ser de “[...] três tipos [...]: Global [...], Particular [...], Específica [...]” (Japiassu, 1977, p. 16-17). Ou seja, essas abordagens podem ser apresentadas da seguinte forma (embora não nos atrevamos a dizer de forma estrita que são somente estas):

A primeira delas é sua abordagem universal, ou *Global* segundo Japiassu, simplesmente *epistemologia*. Quando se pretende ocupar-se do conhecimento humano em geral ou de seu conhecimento científico particular de maneira mais ampla, ou seja, quando se quer falar da teoria do conhecimento ou gnosiologia em termos filosóficos conforme definimos no início deste trabalho (Fonseca Junior, 2015, p. 76).

A segunda forma *Particular* nos termos de Japiassu, como *Filosofia da Ciência*, uma extensão da reflexão gnosiológica que define as possibilidades e modos efetivos pelos aos quais a filosofia toma a ciência como objeto

(metafísica, epistemologia, lógica, ética e estética) (Fonseca Junior, 2015, p. 77).

Podemos ainda adotar o uso da epistemologia em sentido mais estrito ou *Específica*, como diz Japiassu, em seu modo híbrido de natureza filosófica ou científica, direcionada à solução de problemas da ciência, tais como seu objeto, métodos, fundamentação (filosofia), evolução (história) e condições de produção (sociologia), que divide-se em: a) epistemologia geral, quando trata do conhecimento científico em geral; e b) epistemologia local, quando relativa a uma disciplina particular (Fonseca Junior, 2015, p. 77).

Há ainda a epistemologia aplicada que se trata também de uma atividade híbrida, de origem filosófica, mas de natureza filosófica ou científica, seja como metodologia (filosófica ou científica) ou instância metodológica da pesquisa científica, responsável, mas que se detém neste caso, à vigilância e coerência de todo o processo da investigação científica. Usando as diversas ferramentas para a geração do conhecimento.

Fonseca Junior afirma que estas abordagens refletem de alguma maneira,

[...] o longo processo histórico de evolução das relações entre filosofia e ciência, no qual se verifica a progressiva consolidação das diversas ciências como formas de conhecimento autônomas em relação à filosofia – inicialmente as ciências naturais, posteriormente as ciências humanas. Diante dessa diversidade de sentidos, Martino (2003) afirma que o problema do conhecimento pode ser abordado tanto sob a perspectiva filosófica como sob a perspectiva científica. Nos países anglo-saxões, a epistemologia continua profundamente marcada pela filosofia, oscilando entre a teoria do conhecimento e a filosofia da ciência, enquanto, no Brasil, se admite sua maior aproximação com o campo científico (Fonseca Junior, 2015, p. 78).

E Fonseca Júnior completa seu pensamento dizendo que na contemporaneidade a epistemologia:

Atualmente não é possível enquadrar a epistemologia como disciplina estritamente filosófica ou estritamente científica por dois motivos principais: em primeiro lugar, por não ser possível desconsiderar seu vínculo original com a tradição filosófica [...]; em segundo, por ela se situar na intersecção de

preocupações e de disciplinas bastante diversas, sejam elas a própria Filosofia como também a História, a Psicologia ou a Sociologia da Ciência [...]. Nesse contexto, um aspecto fundamental da discussão **epistemológica é a distinção entre “campo científico” e “disciplina”**. O primeiro termo, do qual deriva a noção de “campo acadêmico”, possui um perfil marcadamente sociológico e designa o conjunto de instituições do sistema da ciência, dentro das quais se manifestam as condições sociais e políticas de produção (pesquisa), reprodução (ensino) e circulação do conhecimento de um determinado saber [...]. A noção de “disciplina”, por sua vez, é sinônima de “ramo do saber” [...] ou “campo do conhecimento” [...] e refere-se, em um primeiro momento, à organização do conhecimento com o propósito de instrução. No entanto, é muito mais do que isso (Fonseca Junior, 2015, p. 78, grifos nossos).

Ao nosso ver os principais *desvios* que apresentamos a respeito da clareza da aplicação do termo epistemologia advêm da dificuldade de distinção entre ‘*campo científico*’ e ‘*disciplina*’ destacado na citação acima, pois ao usar essa terminologia com estes conceitos *cruzados* faz com que se confundam conceitos e sejam aplicados de forma equivocada. Assim sendo a correta distinção entre *campo científico* e *disciplina* ao nosso ver corrigirá a maior parte dos desvios que comumente são encontrados.

Considerações finais

Fica evidente depois de todas as colocações deste nosso texto que a epistemologia é *terreno* de grande importância, mas que não é algo de fácil entendimento. Pensamos que a definição de *complexus* de Edgar Morin se aplica muito bem aqui.

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo [...], e há um tecido interdependente, interativo e retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade [...] (Morin, 2001, p. 38-39).

Nessa linha de raciocínio, portanto, pensamos que o entendimento da epistemologia deve ser feita através de diversos níveis de compreensão, decompondo-a, e separando-a primeiramente no seu entendimento, para que possa ser aplicada de forma precisa a cada uma das suas variações dentro de sua polissemia própria.

Assim, o primeiro passo é compreender as diversas camadas que a epistemologia tomou no decorrer do tempo, e situá-la da melhor forma possível na aplicação do trabalho que se tem em questão. Não serão palavras rebuscadas que darão credibilidade ao trabalho escrito por quem quer que seja, mas sim a estrutura lógica das ideias.

Uma vez identificadas as camadas Epistemológicas em questão, deve-se usar a terminologia correta no lugar correto e evitar o uso do termo quando a sua explicitação não for clara, como no exemplo que demos sobre uma possível ambiguidade do termo quando falávamos de metodologia.

Dada a complexidade do tema não ficam aqui explicitadas todas as questões relativas aos desvios do uso do termo epistemologia, mas acreditamos ter deixado algumas contribuições relevantes.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi/ Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes: 2000.
- CAMPOS, Fabiano Victor. Explicar e Compreender: a querela em torno do procedimento epistemológico próprio da Ciência da Religião. *Interações*. v.13. n.23, p.38-72, jan./jul.2018.
- CHIBENI, Sílvio Seno. *O que é ciência?* Campinas: Departamento de Filosofia - IFCH – Unicamp, [s.d]. Disponível em: <https://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf> Acesso em: 09 jun. 2024.
- CHIBENI, Sílvio Seno. *Algumas observações sobre o “método científico”*. Notas de Aula. 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7649538/mod_resource/content/1/Metodocientifico_SilvioSenoChibeni.pdf Acesso em: 19 jun. 2024.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário Filosófico*. Trad. Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. Desenvolvendo a teoria da transformação da perspectiva: continuidade, intersubjetividade e práxis emancipatória. *Revista Ft. Ciências Humanas*, Volume 27 - Edição 122/maio 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/developendo-a-teoria-da-transformacao-da-perspectiva-continuidade-intersubjetividade-e-praxis-emancipatoria/> Acesso em: 19 jun. 2024.

CRUZ, Eduardo. Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João D; USARSKI, F. (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 33-36.

CRUZ, Eduardo. A epistemologia da Ciência da Religião: elementos para uma visão deflacionária. In: SENRA, Flávio; CAMPOS, Fabiano Vivtor; ALMEIDA, Tatiane. *A epistemologia das ciências da religião: pressupostos, questões e desafios*. Curitiba: CRV, 2020.

ENGLER, Steven. Metodologia em Ciência da Religião. In: PASSOS, João D; USARSKI, F. (org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 63-74.

FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa da. Pesquisa epistemológica: metodologia e prática na investigação sobre o estatuto disciplinar da comunicação. *C&S – São Bernardo do Campo*, v. 37, n. 3, p. 73-103, set./dez. 2015 Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/152529/1/Epistemologia.pdf> Acesso em: 25 jun. 2024.

FORNET-BETACOURT, Raul. *Filosofia Intercultural*. México: Universidade Pontificia de Mexico, 1994.

GOMES, J. C.; PEDROSA, N. B.; ALMEIDA, N. F. de. Epistemologia dos olhares amazônicos. *Revista Intersaberes*, [S. l.], v. 14, n. 33, p. 593, 2019. DOI: 10.22169/revint.v14i33.1627. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/571>. Acesso em: 22 jun. 2024.

GRECO, John; SOSA, Ernest. *Compêndio de Epistemologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HAACK, Susan. *Evidence Matters: Science, Proof, and Truth in the Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

JAPIASSU, Hilton, *Introdução ao Pensamento Epistemológico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1977

KANT, Immanuel, *Crítica da Razão Pura*. Trad. J. Rodrigues de Meringe. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Unesco, 2001.

MOSER, A.; LOPES, L. F. *Para compreender a teoria do Conhecimento*. Curitiba: interSaberes, 2016. (BV)

NUNES, João Assiscado. O resgate da epistemologia. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 80 | 2008, publicado a 01 outubro 2012, Acesso em: 20 maio 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/693>;

SANTOS, Boaventura de Sousa, *Introdução a uma ciência pós-moderna*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

SOUSA, Marcos R. de; RIBEIRO, Antonio Luiz P. Revisão sistemática e meta-análise de estudos de diagnóstico e prognóstico: um tutorial. *Arq Bras Cardiol* 2009; 92(3): 241-251 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/fM7by9YHVXjb3GbdnnMcdJv/?lang=pt#> Acesso em: 09 jun. 2024.

STEUP, Matthias. Epistemology. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. ZALTA, Edward N. (org). Fall 2017 edition. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/epistemology/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

STRECK, Lenio Luiz. Epistemologia, senso comum teórico no direito e o habitus dogmaticus. *Consultor Jurídico*. 9 maio 2024 Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-mai-09/epistemologia-senso-comum-teorico-no-direito-e-o-habitus-dogmaticus/> Acesso em: 16 maio 2024.

VASCONCELOS, Edjar Dias de. O Pensamento Positivista de Emile Durkheim. *Recanto das Letras*. 22 maio 2015. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/5250592> Acesso em: 20 jun. 2024.